Revista Municipal
Câmara Municipal de Lousada
N.º 234 Ano n.º 25 – 4.ª série
Data março 2024
Depósito Legal 49113/91
ISSN 1647-1881

Suplemento
Património

Os morteiros da «Festa da Pascoela» de São João de Covas

Anualmente realiza-se em Covas uma concorrida festa em honra de N. Sra. do Amparo. É localmente conhecida por «Festa da Pascoela» e ocorre duas semanas após a Páscoa.
O levantamento do mastro no domingo anterior ao festejo da Pascoela dá início à preparação da celebração. Ao presente, este ato é acompanhado da queima de fogo-de-artifício de cana ou vara, no entanto, até ao terceiro quartel do século XX, para anunciar a realização e proximidade da popular manifestação religiosa, a comissão recorria a umas pesadas peças de ferro fundido a que dão o nome de morteiros. O propósito deste texto é dar conta da relocalização recente destes singulares "pequenos canhões", apresentar uma breve classificação crono-tipológica e revelar o engenho, a arte e o perigo associado ao seu manuseio.

Texto e Fotografia

Luís Sousa
Arqueólogo. CML.
luis.sousa@cm-lousada.pt

Breve nota à «Festa da Pascoela»

Duas semanas após o domingo de Páscoa, realiza-se em Covas[1] uma tradicional[2] e secular festa conhecida por Pascoela, à qual afluem locais e forasteiros em grande número. Recolhem-se em alguns jornais históricos locais, como nos semanários «Heraldo»[3] e «Jornal de Lousada»[4], reveladoras notícias da dimensão e da importância regional que esta romaria alcançou ao longo do século XX e que se mantém até aos dias de hoje.

A procissão, que constitui um dos pontos altos das celebrações, realiza-se porventura desde o século XVII, mas não haverão dúvidas de que ocorre desde os inícios do século XVIII, de que são testemunho os cruzeiros datados que sinalizavam e desenhavam o percurso da via-sacra. Esta tinha início na igreja de São João de Covas e cumpria um sinuoso e ascensional percurso até à capela da Senhora do Amparo, itinerário que incluía a capela da Senhora do Alívio.

[1]Integra atualmente a União de Freguesias de Figueiras e Covas, resultante da reorganização administrativa do território das freguesias ocorrida em 2013.

[2]De grande interesse histórico-etnográfico, um conjunto de registos fotográficos de 1914 mostra a riqueza processional e devocional associada à Pascoela. Veja-se CARDOSO, Cristiano; SOUSA, Luís - *São João Evangelista de Covas: património religioso.* Covas: Dalmática, 2015.

[3]No jornal «Heraldo» de 20 de abril de 1935, sobre a Pascoela é dito que se trata de "uma atraente festividade em honra da nossa Senhora do Amparo" e que "costuma ser muito concorrida de povo desta vila e da de Freamunde".

[4]Neste semanário de 12 de abril de 1914, encontra-se um programa dos festejos a Nossa Senhora do Amparo, na freguesia de Covas, o qual compreendeu a realização de novenas, o levantamento de um mastro junto da capela de N. Sra. do Alívio e outro junto da capela de N. Sra. do Amparo, sendo ainda completado com arraial noturno, vistosas iluminações, músicas e grande quantidade de fogo.

Figura 1 Procissão da Pascoela junto da primitiva capela de N. Sra. do Amparo, no ano de 1914.

Figura 2
Capela de N. Sra. do Amparo

A relocalização dos morteiros

Obra de 1936, a atual capela dedicada a Nossa Senhora do Amparo substituiu um espaço devocional pré-existente, uma pequena ermida datável de meados do século XVII, que pode ainda ser parcialmente apreciada, uma vez que a sua estrutura foi absorvida pela construção moderna.

A cerca de 10 metros da frontaria da capela, numa superfície granítica tendente à horizontalidade, para lá do espaço compreendido pelo adro, eram alinhados 12 morteiros em ferro fundido, que carregados de pólvora seca anunciavam com estrondo a semana da «Festa da Pascoela». Estes morteiros, segundo a tradição, resultaram de uma oferta da Casa de Rio de Moinhos. Foram dados como desaparecidos, desconhecendo-se o seu paradeiro desde fins da década de 1960 ou os inícios de 1970[5].

Recentemente localizados na paróquia pelo atual presidente em exercício da União de Freguesias de Figueiras e Covas, pela curiosidade que suscitam e pela raridade no território, ambicionámos desenvolver um breve estudo para melhor conhecer as peças. Para desenvolver o assunto e trazer à memória o conhecimento possível, entrevistamos em Covas o Sr. Joaquim Marques.

Joaquim Marques, nascido em 1946, com apenas 10 ou 12 anos observou a instalação e preparação de carga para os morteiros pela mão de Adolfo Nunes Ribeiro. Mais tarde, ficou com o encargo Francisco Mota, que era auxiliado ou mesmo substituído quando necessário por Abílio Bessa. Com ambos principiou Joaquim Marques a auxiliar e a participar diretamente no carregamento dos morteiros, trabalho que, salientou, tinha de ser executado com o maior zelo, sentido de responsabilidade e de forma nunca apressada de modo a não ser produzida qualquer faísca.

As pesadas peças de ferro eram então guardadas na capela de

Figura 3 Joaquim Marques

Nossa Senhora do Amparo, em uma arrecadação existente no alçado direito, junto às escadas de acesso ao coro. Eram recolhidas a cada ano sempre que era constituída uma comissão para a «Festa da Pascoela». O costume do uso de morteiros decaiu nos anos de 1970 devido à vulgarização do fogo-de-artifício e por alguma razão acabaram por ser levados para uns arrumos na residência paroquial, permanecendo aí esquecidos.

A relocalização dos morteiros

Os morteiros são em algumas regiões do país e Brasil chamados de canhão de mão, ronqueira, morteiro ou morteiro de festim. O seu uso remonta a um momento anterior ao aparecimento do fogo-de-artifício. Existem morteiros de festim datados do século XVII, mas assiste-se à sua vulgarização ao longo dos séculos XVIII e XIX, confirmando-se o seu uso até pelo menos à segunda metade do século XX.

No que respeita às peças de Covas, julgamos poder situá-las por meados do século XIX. Apesar de contabilizados 12 morteiros em ferro fundido, o conjunto é composto somente por dois módulos, de dimensões e tipologias distintas.

Tipologia dos morteiros	Altura	Diâmetro da base	Diâmetro do bordo	Diâmetro da boca	Diâmetro da pança	Profundidade Interior	Orifício da Mecha	
							Dimensão Exterior	Dimensão Interior
T1 - módulo maior	27	13,8	13,3	6	11,2	22,5	4,3	1,4
T2 - módulo menor	21,4	10,8(10,5)	9,4	6,1	10,1	19,3	-	1,3

Tabela Dimensões dos morteiros de acordo com a classificação tipológica. Medidas obtidas em cm.

[5]O noticiário recolhido na imprensa local sobre a festa em honra da Senhora do Amparo, especialmente no histórico «Jornal de Louzada», é interessante pelas mais de trinta referências à festividade, mas revela-se de pouco interesse no respeitante aos morteiros, de que é invariavelmente opaco.

Figura 4 Módulo maior e menor que compõem os morteiros de Covas.

Caracterizam-se globalmente por exibirem formato tronco-piramidal de seção circular O módulo maior pesa 15,5kg e o módulo menor 8.2kg. Os dois tipos de morteiros apresentam base de assentamento discoidal, todavia, o módulo maior apresenta engrossamento externo plano, de 2,6cm de espessura. No que respeita à zona do bordo também mostram diferenças. O módulo menor exibe bordo vertical de 1,8(1,5)cm de espessura, terminado em lábio boleado, enquanto que o módulo maior apresenta bordo plano de 3,3(2,8)cm de espessura, com lábio boleado voltado para o exterior. O orifício da mecha do módulo pequeno encontra-se aberto à face da parede exterior, liso portanto. Por seu lado o do módulo maior revela-se engrossado, com rebordo de cerca de 1cm. Não possuem visível qualquer marca de fabricante ou de posse.

Na Europa, as mais recuadas menções ao uso de pólvora negra remontam aos séculos XIII e XIV, sendo respetivamente imputadas a Roger Bacon, um frade inglês, e ao monge alemão Berthold Schwartz[6]. Das experiências de ambos resultou a identificação das propriedades explosivas propiciadas pela junção de enxofre, carvão e nitrato de potássio[7]. Do século XIV chegaram-nos referências documentais da utilização de metaliformes com características pirotécnicas constituídos por uma entrada para pólvora e uma boca onde era colocado e de onde saía um projétil, tendencialmente esférico, muito provavelmente de pedra[8]. Em Portugal, é ao tempo do D. Manuel I que surgem as primeiras fábricas polvoreiras, porém a arte do manuseio da pólvora havia despontado nos meados do século XIV, no reinado de D. Afonso V. No século XVIII, o país assistirá ao aparecimento de várias fábricas de pólvora, sendo no entanto de salientar que neste período as mais importantes unidades fabris vão localizar-se na região de Lisboa, primado que se conservará praticamente até aos nossos dias.

A pólvora preta utilizada nos morteiros de Covas era adquirida a quilo na drogaria Brito, em Freamunde, Paços de Ferreira, e era vendida sob a forma de pequenos blocos ou pedras acondicionadas em caixas de cartão.

A preparação dos morteiros partia da composição da chamada «bucha», que consistia na colocação de 4 a 5 pedras de pólvora no interior do morteiro menor e 5 a 6 pedras no morteiro maior, sendo introduzido de seguida papel, normalmente folhas de jornal, cujo propósito era o de criar uma separação entre a pólvora e a camada subsequente, formada por pedra "podre" e tijolo bem prensado que cerrava o morteiro até ao topo. A compactação da pedra e tijolo realizava-se recorrendo a um escopro, sendo este processo cumprido demorada e lentamente. Na colocação das primeiras folhas de papel recorria-se ao cabo de madeira do martelo ou marreta para garantir que da fricção não resultassem chispas.

[6]QUINTELA, António de Carvalho; CARDOSO, João Luís; MASCARENHAS, José Manuel de; ANDRÉ, Maria da Conceição - *A fábrica da pólvora de Barcarena e os seus sistemas hidráulicos.* Oeiras, 1995, p. 22.

[7]PANTALEÃO, Inês; CASTRO, Joaquim Pedro; BARBOSA, Nuno; FARIA, Patrícia – *Anteprojeto de uma fábrica de pólvora.* Porto: FEUP, 2001, sp.

[8]QUINTELA, António de Carvalho; CARDOSO, João Luís; MASCARENHAS, José Manuel de - *A fábrica da pólvora de Barcarena. Catálogo do Museu da Pólvora Negra.* Oeiras, 2000.

Figura 5 Bocal do morteiro tipo módulo menor.

Figura 6 Bocal do morteiro tipo módulo maior.

Levantado o mastro junto da capela de Nossa Senhora do Amparo, no domingo anterior ao da realização da festividade da Pascoela, principiava-se com a instalação dos morteiros carregados sobre uma superfície rochosa fronteira à capela, dando-se aí os primeiros estouros de pólvora seca anunciadores da realização da festa. Este ritual haveria de repetir-se diariamente, ao final da tarde, até à data da celebração.

Carregados, era regra enfileirar os morteiros do módulo mais pequeno para o maior. O orifício da mecha era então preenchido de pólvora para garantir que o rasto da chama atingia a «bucha», deixando-se sobre a pedra onde a peça assentava um fio individual de pólvora moída que haveria de funcionar como rastilho. Colocado um pavio em chama na extremidade de uma cana de aproximadamente 3 a 4 metros para garantir a devida segurança, aproximava-se o fogo da mecha, fazendo entre intervalos compassados rebentar com estrondo cada uma das buchas preparadas. Apenas os últimos dois morteiros, de maior dimensão, tinham um fio de pólvora comum, para que resultasse em duas valentes explosões simultâneas que ressoavam em todo o vale do Mezio e terras circundantes.

Figura 7 Pormenor do orifício da mecha do morteiro tipo módulo maior.